




CONTO DE FADAS EM (RE)CONSTRUÇÃO: VEREDAS DECOLONIAIS E POLISSÊMICAS NA LITERATURA INFANTIL

Fairy tale in (re)construction: decolonial and polysemic paths in children's literature

Juliene Marques BOGO

Departamento de Ensino, Pesquisa e Extensão
Instituto Federal Catarinense
Blumenau, Brasil


juliene.marques@ifc.edu.br


<https://orcid.org/0000-0001-5347-8815> 

Nadine de ANDRADE

Secretaria de Educação
Prefeitura de Blumenau
Blumenau, Brasil

nadinedeandrade2020@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-2097-2782> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

RESUMO

Este artigo apresenta, como *corpora* de análise, o conto de fadas “Chapeuzinho Vermelho”, dos Irmãos Grimm, e sua adaptação, intitulada “Chapeuzinho Vermelho e o Boto-Cor-de-Rosa”, de Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho, com ilustrações de Walter Lara. O objetivo geral é analisar a ressignificação narrativa da obra adaptada a partir das concepções de decolonialidade e polissemia discursiva. Como aportes teóricos, conta-se, especialmente, com estudos direcionados à Decolonialidade e à Análise de Discurso francesa. A partir da análise realizada, constatou-se que há traços que permitem identificar relações entre a versão clássica e a obra brasileira adaptada, assim como há alguns distanciamentos em decorrência de elementos que são excluídos ou acrescentados na narrativa, vinculados a movimentos decoloniais e polissêmicos, visando a novas possibilidades de protagonismo, potência e identificação por meio da literatura infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Pedagogia. Literatura. Decolonialidade. Polissemia discursiva.

ABSTRACT

The *corpora* of analysis of this article is the fairy tale “Little Red Riding Hood”, by the Brothers Grimm, and its Brazilian adaptation entitled “Little Red Riding Hood and the Boto-Cor-de-Rosa”, by Cristina Agostinho and Ronaldo Simões Coelho, with illustrations by Walter Lara. The general objective is to analyze the narrative resignification of the adapted version based on the concepts of decoloniality and discursive polysemy. For theoretical basis, especially studies linked to Decoloniality and French Discourse Analysis were used. From the documentar analysis carried out, it was found that there are traits that allow identifying relationships between the classic version and the adapted Brazilian version of the fairy tale. On the other hand, there is also some distancing as a result of elements that are excluded or added to the narrative, which are linked to decolonial and polysemic movements and aim at new possibilities of protagonism, potency and identification through children's literature.

KEYWORDS: Pedagogy. Literature. Decoloniality. Discursive polysemy.

INTRODUÇÃO

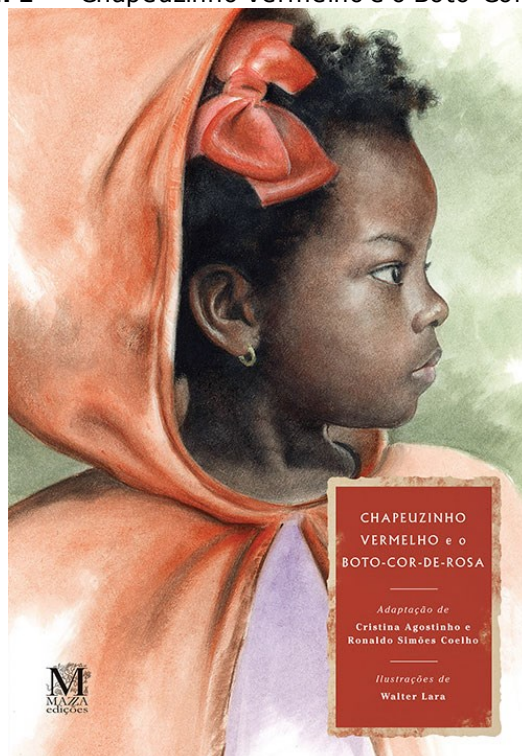
“As histórias importam.
Muitas histórias importam.
As histórias foram usadas para espoliar e caluniar,
mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar”
(Adichie, 2019, p. 32).

Os contos de fadas são narrativas que permanecem vivas no tempo e no espaço, encantando desde os bebês até os idosos. Sua força está na fantasia, que faz com que leitores e leitoras sejam transportados para lugares desconhecidos, onde animais e objetos são personificados, as injustiças sociais são afrontadas e metamorfoses podem ocorrer (Riche, 2015).

Muitos contos perpassam gerações de forma a realizar a manutenção de sentidos estabilizados na corporeidade textual da narrativa, no entanto, essas diegeses podem mostrar-se adversativas no que se refere à realidade concreta de seu principal público-alvo: as crianças. É diante da exterioridade textual, portanto, considerando aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos e históricos, vinculados a uma perspectiva ontológica e epistêmica, que surge a necessidade de adaptações. Assim, essas materialidades engendram-se a fim de possibilitar deslocamentos no que diz respeito ao enredo apresentado, podendo fazer manutenções, reconfigurações ou deslizamentos de sentidos mobilizados no ato da leitura.

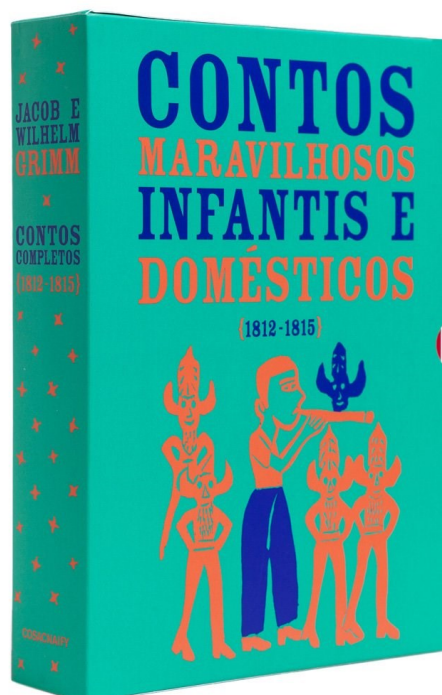
No Brasil, a editora Mazza é responsável por diversas adaptações destinadas ao público infantil, direcionando-se, desse modo, a essa demanda de releituras de narrativas. Entre suas publicações, encontra-se a obra “Chapeuzinho Vermelho e o Boto-Cor-de-Rosa”, de Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho, com ilustrações de Walter Lara (2020). Tal título dialoga diretamente com sua versão original, a saber: “Chapeuzinho Vermelho”, a qual foi publicada no livro “Tomo I de Contos Maravilhoso Infantis e Domésticos”, dos Irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, datado de 1812 e republicado pela editora Cosac Naify em obra de 2015. As duas obras, considerando esse movimento de adaptação, constituem os *corpora* deste artigo. Destaca-se, ainda, que a Editora Mazza conta com diversos outros títulos que se vinculam a esse propósito de adaptação.

Imagem 1 – “Chapeuzinho Vermelho e o Boto-Cor-de-Rosa”



Fonte: Agostinho e Coelho (2020).

Imagem 2 – “Tomo I de Contos Maravilhosos Infantis e Domésticos”



Fonte: Grimm e Grimm (2015).

Diante das materialidades selecionadas, este artigo parte da seguinte inquietação: como se dá a ressignificação narrativa na obra “Chapeuzinho Vermelho e

o Boto-Cor-de-Rosa” a partir de concepções de decolonialidade e polissemia discursiva? Com base nessa problemática, define-se o objetivo geral deste artigo a partir da seguinte ação: analisar a ressignificação narrativa da obra adaptada “Chapeuzinho Vermelho e o Boto-Cor-de-Rosa” a partir das concepções de decolonialidade e polissemia discursiva.

Para tanto, apresenta-se a seguinte estrutura: a próxima seção se destina à discussão teórica a respeito do gênero discursivo conto de fadas, bem como das noções de decolonialidade e polissemia discursiva, de forma relacionada à literatura infantil. Na sequência, explana-se a metodologia da pesquisa desenvolvida; sendo contempladas, na seção seguinte, a análise e a discussão dos dados coletados. Por fim, apresentam-se as considerações finais.

ENTRE CONTO E CONTEXTO: MOVIMENTOS TEÓRICOS

As narrativas atravessam o tempo e as regiões, acompanhando o desenvolvimento da tecnologia, recebendo diferentes formatos, linguagens e requerendo novas habilidades para sua efetiva leitura, compreensão e produção de significados. No contexto da literatura infantil, dentre os diversos gêneros discursivos, destaca-se o conto de fadas, que sobrevive através de gerações e que habita o imaginário de crianças, jovens e adultos, por sua presença nas mais diversas sociedades.

Entendem-se os contos de fadas como narrativas que não precisam necessariamente ter a presença de fadas, desde que, em seu enredo, existam acontecimentos sobrenaturais, tais como: a presença de criaturas mágicas, metamorfoses, tempo e espaço diferentes do real etc. Outra característica dos contos de fadas é que, nas diegeses, há obstáculos ou provas que precisam ser vencidas pelas personagens para que consigam alcançar o que desejam (Coelho, 1987), ou seja, o conflito é sempre bem demarcado, principalmente devido ao objetivo de transmitir alguma lição.

Para Bakhtin (2011, p. 282), os gêneros discursivos “possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo”. Nos contos de fadas, a estrutura da narrativa costuma aparecer de maneira demarcada a fim do envolvimento da criança com a história: há a situação inicial de equilíbrio; logo após aparece o problema a ser enfrentado, que gera um desequilíbrio; em seguida, com objetivo de buscar soluções para o problema, é utilizada uma intervenção mágica ou força maior

(como sorte ou um herói); o problema é solucionado; e, por fim, o equilíbrio é recuperado gerando um final idealizador (Debus; Domingues, 2015).

A presença de acontecimentos sobrenaturais nos contos de fadas faz com que eles pertençam ao gênero maravilhoso. Michelli (2015, p. 13-14, grifos da autora) explica que as histórias acontecem em “um espaço e um tempo diferente do real cotidiano, remetendo ao mundo do ‘era uma vez’[...]”, bem como há o destaque de que “[...] no cenário do maravilhoso observa-se que muitas narrativas tradicionais se constroem com base em encantamentos, algumas vezes em decorrência de uma maldição”. O encantamento pode acontecer de múltiplas formas, variando de um conto de fadas para o outro, como aprisionar a personagem no corpo de um animal, em espaços fechados ou ao cumprimento de um destino (Michelli, 2015).

Como mencionado, outro aspecto é o objetivo de passar um ensinamento, com a intenção de fazer com que a criança reproduza ou se distancie de algumas características. Os contos de fadas direcionam o leitor, orientando-o intelectualmente ou emocionalmente (Corso; Corso, 2006). A ideia, assim, é propor para as crianças modos de ser e agir. Esse gênero discursivo também possui o poder da sedução. As narrativas seduzem as crianças a partir do momento em que personificam e dão nome a conflitos internos (Reys, 2021). Isto é, na construção do conto de fadas, também se leva em conta o efeito de identificação, a fim de que a criança se reconheça nessa estória.

É diante dessas características que o conto de fadas apresenta suas especificidades e se potencializa enquanto obra literária direcionada à criança. No entanto, em muitos casos, as narrativas que prevalecem ao longo dos tempos direcionadas a esse gênero discursivo tendem a manifestar representações normativas no que diz respeito à composição social, o que deixa à margem diversas realidades e formas de existência.

Assim, observa-se que, no processo de manejo dos sentidos por meio de obras literárias, representam-se diegeticamente certas personagens, costumes, lugares etc. conectados à cultura do outro, o que acaba por afetar os sentidos conectados à própria representação (ou ausência de) do sujeito leitor. Esse outro, predominante nas narrativas, tange-se ao estereótipo branco, europeu, cristão, entre outras características que se vinculam a uma normatização de “civilização”. Essas formas de representação acabam por manifestar efeitos do Colonialismo, referente ao período de colonização tangente a diversos países não-europeus, o que se conecta a uma manutenção do que se entende por Colonialidade, ou seja “[...] os modos de poder, de

saber, de ser dos povos colonizados são simplesmente silenciados e busca-se impor os valores europeus, norte-cêntricos, como únicos e universais” (Machado; Soares, 2021, p. 988).

A partir dessa noção de Colonialidade, apresenta-se seu contraponto, isto é, a Decolonialidade, que, para Mignolo (2007, p. 27, tradução nossa), “[...] é, portanto, a energia que não se deixa conduzir pela lógica da colonialidade”¹. A partir desse entendimento, portanto, pode-se afirmar que, com base numa perspectiva decolonial, estabelece-se a necessidade de representação e presença da diversidade de saberes, culturas, etnias etc. nas mais variadas obras e mídias, considerando os sujeitos em sua pluralidade, sem submetê-los à dualidade europeu e não-europeu.

A perspectiva decolonial representada na literatura, assim, permite que sejam desconstruídos padrões, realizando um movimento de resistência, pois, há ideologias impostas histórica e culturalmente. Como abordam Tavares e Gomes (2018, p. 64), “a inferiorização do outro tem como pressuposto as questões de raça e gênero, categorias coloniais por excelência, construídas e impostas ao longo da história”. Logo, a construção de narrativas que trazem novas veredas de se perceber o mundo enquanto lugar plural e de diversidades possibilita que sejam realizadas reflexões sobre as múltiplas maneiras de existência, valorizando, assim, os variados protagonismos sociais, muitas vezes silenciados nas narrativas.

Assim como Benjamim (2012) fez referência ao camundongo Mickey para refletir sobre a configuração do sonho, que, a partir do cinema, tornou-se coletivo, fazendo com que sujeitos do mundo inteiro sonhassem com uma mesma personagem; entende-se que, no campo da literatura, os sonhos coletivos também se engendram e se delineiam a partir de figuras que ganham destaque nas diegeses, mas que mostram, de forma predominante, apenas a composição estética do colonizador. Nesse ciclo, incorre-se no “perigo de uma história única”, relatado por Chimamanda Adichie (2019), história essa que perpassa pelos mesmos corpos, mesmas paisagens e saberes, deixando marginalizado o que se difere do imposto por meio da lógica colonial de representação diegética.

Direcionando-se a um entendimento de literatura vinculada a histórias outras, que vai ao encontro da perspectiva decolonial, Ziberman explica que:

[...] trata-se de uma literatura que não se acomoda a propósitos ou intenções fora do campo da cultura e da arte; não almeja doutrinar; não se pauta pela obediência nem pelo conformismo. Por sua vez, uma literatura que pode provir de segmentos pouco habituados ao fazer artístico convencional e dirigir-se a diferentes grupos de

¹ “[...] es, entonces, la energía que no se deja manejar por la lógica de la colonialidad”.

consumidores, exemplificados por crianças e jovens – no caso da produção destinada à infância e à juventude, clientela principal das escolas. Como também pode proceder de comunidades suburbanas ou distantes dos polos geográficos das grandes cidades e se destinar a esses contingentes tão marginalizados do cânone literário nacional. (Ziberman, 2021, p. 10).

Diante dessa concepção e especialmente do que tange às crianças e aos jovens em processo de formação, Machado e Soares (2021, p. 996) destacam que “não se trata de propor a renúncia ao cânone estabelecido, em nome das literaturas consideradas periféricas, mas de reivindicar a convivência, em particular no espaço escolar, das múltiplas manifestações culturais representativas da sociedade”. Com base nas reflexões de Ziberman (2021), bem como de Machado e Soares (2021), entende-se que o trabalho pedagógico de mediação docente deve possibilitar o acesso, por meio da literatura, às mais variadas formas de aprendizado tocantes a diferentes culturas e representações diegéticas, favorecendo, ainda, a identificação dos jovens leitores no que se refere às materialidades artísticas. Cademartori (2009, p. 50) explica que:

Ao criar um mundo próprio, a literatura reage ao mundo fora do texto, desviando-se dele, revogando suas leis naturais, revertendo e revisando seus postulados, suas crenças [...]. O discurso literário só avança na contramão e é desse modo que se consegue tornar audíveis as mais diferentes vozes, estabelecer diálogos diversos e inusitados, acolher o próximo e o distante, o estranho e o familiar. Se o faz é porque oferece mitos e contramitos, capazes de abalar o que acreditamos ser inquestionável, o que supúnhamos sentir e pensar. É por ser múltipla que a literatura oferece um espaço de liberdade. (Cademartori, 2009, p. 50)

Desse modo, numa concepção de decolonialidade tangente à literatura, procura-se trazer para a cena não apenas as personagens e os cenários já estabilizados nas diferentes mídias, que se direcionam, de acordo com Ballestrin 2013, p. 89), à “permanência da colonialidade global nos diferentes níveis da vida pessoal e coletiva”, senão, a potencialidade dos diversos cenários e existências outras, o que se direciona a novas configurações de sentidos, reagindo às imposições estabelecidas no contexto social.

Os sentidos, portanto, podem ser construídos de forma a direcionar-se a uma manutenção ou a movimentos de ressignificações que rompem, assim, com aquilo que estava posto. Com base nos estudos da Análise de Discurso, que se caracterizam por interrogar o processo de interpretação (Orlandi, 2017), a configuração dos sentidos se dá por meio de duas vertentes: a) paráfrase; e b) polissemia.

Para Orlandi (1999, p. 36), os movimentos de paráfrase são aqueles que demarcam o “retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização”, ou seja, remetem-se a retomadas de já ditos, daquilo que permanece no que tange aos

sentidos mobilizados, ainda que manifestados textualmente de maneira diferente. Já os processos polissêmicos referem-se ao “deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco” (Orlandi, 1999, p. 36), isto é, direcionam-se a rotas de fuga, criando novas possibilidades de mobilização de sentidos, desvinculando-se daquilo que se impõe como estabilidade discursiva no que diz respeito à ideologia dominante.

Com base nessas noções, pode-se afirmar que, ainda que se identifique a relação entre textos e até uma inspiração direta, essa conexão pode se dar com o objetivo de simplesmente atualizar as narrativas, isto é, basear-se em um processo de paráfrase, movimentando os mesmos sentidos de outra forma. A partir dessa lógica, pode-se dizer que há diversas atualizações de narrativas apenas com o objetivo de “modernizá-las”, trazendo-as para o contexto contemporâneo, não havendo, nesse caso, um propósito de adaptação à diversidade nas formas de representação. Por outro lado, há adaptações que visam modificar as narrativas a partir de um processo polissêmico, trazendo à cena realidades outras, inserindo e excluindo elementos a fim de deslocamentos diegéticos. Portanto, diferenciam-se os movimentos de atualização e de adaptação, este direcionando-se, predominantemente, a veredas polissêmicas, e aquele a veredas parafrásticas.

No entanto, quando se trata de materialidade textual, é necessário destacar que há a presença desses dois polos de sentidos, paráfrase e polissemia (Pêcheux; León, 2015). Isso porque, ainda que se observem movimentos polissêmicos vinculados ao objetivo de adaptação direcionada ao contexto e às vivências do público-alvo em questão, há, também, elementos que se conectam diretamente a sua versão clássica, num movimento parafrástico, ou seja, da ordem do já-lá discursivo. Esses fatores são relevantes quando se trata de análise de adaptações, pois nos permitem investigar as relações existentes entre as materialidades mobilizadas, suas aproximações e distanciamentos.

A fim de analisar, com base no que foi discutido até em então, as narrativas selecionadas para este artigo, na próxima seção se explicita a metodologia da pesquisa para, na sequência, realizar-se os movimentos de investigação.

ENTRE CONTEÚDO E FORMA: MOVIMENTOS METODOLÓGICOS

Este artigo se configura a partir da natureza básica, que, de acordo com Rauen (2015, p. 164), “consiste em estudo sistemático e científico com o propósito de ampliar,

aperfeiçoar, complementar ou corrigir o conhecimento humano”, ou seja, espera-se ampliar os conhecimentos a respeito das ressignificações realizadas a partir de contos de fadas. No que se refere à abordagem, delimita-se a qualitativa, pois, ainda consoante Rauen (2015, p. 155), “consiste no tratamento descritivo-discursivo das características intrínsecas dos fatos ou fenômenos”. Assim, direciona-se a movimentos de interpretação das materialidades analisadas.

De acordo com os objetivos, a pesquisa é exploratória e descritiva, pois, segundo Gil (2002), proporciona maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou construir hipóteses, bem como procura especificar os processos, os fenômenos a fim de melhor compreendê-los. Referente aos procedimentos técnicos, a pesquisa é bibliográfica, sendo elaborada a partir do subsídio de livros, capítulos de livros e artigos científicos (Gil, 2002).

A coleta de dados é documental, pois Marconi e Lakatos (2017) explicam que “a característica da pesquisa documental é tomar como fonte de coleta de dados apenas documentos, escritos ou não, que constituem o que se denomina de fontes primárias”. As autoras também consideram como documental a pesquisa que se direciona a fontes secundárias, tais como “imprensa em geral e obras literárias” (Marconi; Lakatos, 2017, p. 109).

No processo de análise dos dados, apresentam-se, em formato de citações diretas, recortes das obras selecionadas para o estudo, ou seja, o conto de fadas “Chapeuzinho Vermelho”, da coleção de Contos Maravilhosos Infantis e Domésticos (Grimm; Grimm, 2015), e o conto de fadas “Chapeuzinho Vermelho e o Boto-Cor-de-Rosa” (Agostinho; Coelho, 2020), a fim de analisar a ressignificação narrativa da obra adaptada a partir das concepções de decolonialidade e polissemia discursiva, já mobilizados na seção anterior.

ENTRE A FANTASIA E A REALIDADE: MOVIMENTOS ANALÍTICOS

Os escritores Cristina Agostinho e Ronaldo Simões Coelho recontam, com ilustrações de Walter Lara, o conto clássico “Chapeuzinho Vermelho” (Grimm; Grimm, 2015), adaptando-o ao contexto folclórico e cultural brasileiro, sendo o conto adaptado intitulado “Chapeuzinho Vermelho e o Boto-Cor-de-Rosa” (Coelho; Lara, 2015). No que se refere à sua composição, assim como em sua versão clássica, o conto adaptado segue, como explica Bakhtin (2011, p. 282), uma estrutura “relativamente estável”, com base em, como mencionam Debus e Domingues (2015), uma situação inicial de

equilíbrio, um problema a ser superado, que gera desequilíbrio, para, depois de resolvê-lo, voltar à situação de equilíbrio.

Tal como em diversos outros contos de fadas, as duas narrativas iniciam com o clássico “Era uma vez” (Michelli, 2015). Como sublinhado em Coelho (1987), no conto de fadas, não se exige necessariamente a presença de fadas, porém se destacam configurações tocantes ao universo maravilhoso, próprias do “Era uma vez” (Michelli, 2015). A partir disso, entende-se que a presença de um lobo, no conto clássico, e de um boto, no conto adaptado, com características humanas, os tornam criaturas mágicas, personificadas, vinculando as narrativas aos contos de fadas.

Tanto o lobo quanto o boto possuem racionalidade e constroem diálogos com Chapeuzinho Vermelho e com a avó da menina. Aliás, no conto clássico, o narrador relata que, a partir dos pertences da avó, o lobo: “vestiu as roupas dela, colocou a touca na cabeça, deitou-se na cama e fechou o cortinado” (Grimm; Grimm, 2015, p. 138). Na narrativa adaptada, o narrador também relata que o boto “deitou-se na cama e se escondeu debaixo do lençol” (Agostinho; Coelho, 2020, p. 17), mas, para isso, ele saiu da água, “empurrou a porta e, antes que a avó gritasse, jogou-a no igarapé” (Agostinho; Coelho, 2020, p. 17). Ou seja, tanto o lobo quanto o boto desenvolvem habilidades mágicas para superar suas limitações naturais e agir a partir de características que se remetem às habilidades propriamente humanas.

Apesar dessas aproximações iniciais, também de início, mostra-se uma releitura a respeito da apresentação da personagem principal, Chapeuzinho Vermelho. Na obra dos irmãos Grimm (2015), afirma-se que “Era uma vez uma menina que era querida por todos - bastava olhar para ela para gostar dela” (Grimm; Grimm, 2015, p. 137); já na obra adaptada, diz-se que “Era uma vez uma menina que morava com a mãe numa aldeia de casas flutuantes, às margens do Rio Negro” (Agostinho; Coelho, 2020, p. 1). Observa-se que, demarca-se, na narrativa adaptada, a configuração de família estruturada a partir de mãe solo, composição familiar tangente à realidade de diversas crianças. Essa informação, ainda que não impacte diretamente no deslindar diegético, permite com que as crianças pertencentes a essa estrutura familiar também se vejam presentificadas no protagonismo de uma narrativa, o que rompe com os padrões repetidamente expostos no que diz respeito à configuração das famílias das narrativas direcionadas ao público infantil.

Além disso, na obra adaptada, ressalta-se, a partir das imagens, a etnia negra das personagens Chapeuzinho Vermelho e sua mãe, o que rompe com as características colonialistas tangentes à branquitude dessas personagens ao longo das gerações.

Destaca-se, ainda, que, na obra dos irmãos Grimm (2015), não há ilustrações que representem as personagens do conto de fadas, no entanto, a partir de uma busca de imagens no Google - convida-se a realizá-la no momento desta leitura -, com o termo “Chapeuzinho Vermelho”, os resultados se direcionam a imagens de meninas brancas, magras, sem vínculo, também, à nenhuma deficiência. Isto é, constata-se o que foi abordado por Tavares e Gomes (2018, p. 64) a respeito da inferiorização do outro por questões direcionadas a “categorias coloniais por excelência”, como é o caso da representação étnica nas narrativas. Essa reflexão remete ao explicado por Benjamin (2012), ao referir-se aos sonhos coletivos demarcados pelo cinema. Isto é, assim como a personagem Mickey, Chapeuzinho Vermelho também habita o imaginário coletivo e conecta-se, na predominância das representações imagéticas e dramatúrgicas, à branquitude europeia. Tal questão é reconfigurada na versão adaptada e pode reconfigurar-se, também, nos sonhos coletivos de uma sociedade que precisa entender-se como plural e não se limitar nem desejar encaixar-se nas medidas e aparência do outro, sendo a literatura uma potencializadora dessa transformação.

Observa-se que, na versão dos irmãos Grimm, a antagonista da Chapeuzinho Vermelho é o lobo, já na versão da editora Mazza a antagonista é um boto-cor-de-rosa. O boto-cor-de-rosa é o nome popular do boto vermelho, que é uma espécie de mamífero aquático que se encontra no Brasil, especificamente na bacia Amazônica (Barezani, 2005). O boto-cor-de-rosa é uma personagem que faz parte do folclore brasileiro, sendo conhecido principalmente na região Norte do país. Ademais, na obra adaptada, a personagem caçador é substituída pela personagem pescador, sendo a pesca uma das atividades realizadas na Amazônia como um dos principais meios de sobrevivência das famílias (Barezani, 2005). Com isso, salienta-se que, ainda que fosse possível fazer a manutenção da personagem lobo e da personagem caçador, num contexto brasileiro de narrativa, optou-se por dar espaço, num movimento polissêmico (Orlandi, 1999), a figuras pertencentes ao folclore a às formas de vivência do contexto latino, o que faz com que a potência decolonial se destaque de forma a salientar a cultura brasileira.

Como sublinhado por Machado e Soares (2021), os valores europeus, bem como suas formas de existência, direcionam-se, de forma repetida nas diversas mídias, ao silenciamento dos modos de ser dos povos colonizados, o que é rompido a partir de uma perspectiva decolonial de construção narrativa. Na obra adaptada, ambientaliza-se a diegese às margens do Rio Negro, bem como se mostram características de vivência ribeirinha, trazendo à cena o destaque de existências que são marginalizadas no que se refere aos espaços de protagonismo nas diferentes mídias que circulam na

atualidade. Sublinha-se, ainda, que, de acordo com Cademartori (2009), dando lugar, vez e voz a outros modos de ser e de saber, proporciona-se, por meio da literatura, espaço de liberdade e de inserção de realidades familiares e estranhas às já conhecidas, mas divergentes daquelas canonicamente estabilizadas.

A adaptação ambientalizada numa das regiões brasileiras viabiliza que as crianças tenham contato com obras que atravessam o tempo e o mundo de maneira vinculada a personagens que fazem parte do imaginário cultural nacional. Assim, como foi observado em Tavares e Gomes (2018, p. 64), a adaptação à região brasileira proporciona a desconstrução de padrões e amplia os olhares das crianças, sendo apresentados para elas os seres e as características de seu próprio país.

Além disso, destaca-se, na obra adaptada, a acentuação do ambiente como forma de direcionar-se a modos outros de existência na narrativa. Para isso, no desenvolvimento da diegese, são citadas características regionais, como a referência a chuvas frequentes e a uma diversidade de animais e de árvores, tais como: macaco sagui-bigodeiro, macaco de cheiro, uacari-branco, araras, papagaios, uirapuru, galo-da-serra, xexéu, bem como a antagonista da história, que é o boto-cor-de-rosa; as árvores são maçaranduba; cajuazeiro e andiroba, entre outros elementos da localidade. Ter como referência, em conto de fadas, uma região brasileira e os elementos que a caracterizam possibilita, como sinalizado por Mignolo (2007), não se render à lógica colonial, valorizando, desse modo, diversas realidades outras, que se direcionam a saberes e a vivências não menos nem mais, mas tão importantes quanto quaisquer outras.

Também de forma a demarcar polissemias diegéticas, observa-se que, no conto clássico, a Chapeuzinho Vermelho carrega dentro do seu avental uma fatia de bolo e uma garrafa de vinho para entregar para a sua avó. Já no conto adaptado, o avental é substituído por uma cesta, e, dentro dela, são colocados alimentos típicos das comidas da região Norte do Brasil, sendo eles: caldo de tacacá e as frutas tucumã, abiu e camu-camu. A utilização de elementos que caracterizam a gastronomia da população local, além de gerar identificação dos leitores com a cultura, também incentiva curiosidades e promove conhecimentos para leitores de outras localidades.

Ressalta-se, ainda, que as duas versões do conto personificam e dão nome aos conflitos internos, como visto em Reis (2021), permitindo que a criança se reconheça nas narrativas a partir do momento em que se apresenta a vontade da menina de discordar do que a mãe dela impôs ou quando se mostra a fragilidade da personagem diante de sua antagonista, uma figura esperta e com má intenção. As duas versões

abordam esses temas difíceis de medo e maldade, mas também relatam um final de acolhimento, colaboração e esperança.

Nas duas narrativas, há também a presença do obstáculo a ser vencido, que é o lobo na versão dos irmãos Grimm e o boto na versão da editora Mazza, para que a protagonista, Chapeuzinho Vermelho, alcance o que deseja: entregar a cesta para a sua avó se alimentar e se curar da doença. Com base, então, nas características desse gênero discursivo, pode-se dizer, a partir de Coelho (1987), que, numa perspectiva decolonial de construção diegética, mobilizam-se, na adaptação, caminhos polissêmicos a fim de mostrar que crianças plurais, rompendo com a lógica colonialista de representação, também podem enfrentar e superar obstáculos, podendo ser também heróis e heroínas nas variadas histórias.

Embora a literatura infantil não necessariamente manifesta caráter didático e moralizante, observa-se que, de acordo com Corso e Corso (2006), as materialidades analisadas carregam essas características em suas narrativas. Verifica-se que, no conto clássico, termina-se com Chapeuzinho prometendo para si mesma: “De agora em diante, não vou mais sair do caminho nem entrar na floresta sozinha, quando a minha mãe não deixar” (Grimm; Grimm, 2015, p. 139), propondo para as crianças a obediência aos pais. Por mais que no conto adaptado a lição da história não esteja demarcada como na versão clássica, no desfecho da narrativa, ficam subentendidas as consequências decorrentes da desobediência da menina, como quando “o boto empurrou a porta e antes que a avó gritasse, jogou-a no igarapé” (Agostinho; Coelho, 2020, p. 15) e, em seguida, “o boto pulou na cama, agarrou Chapeuzinho e zás!... jogou-a no rio” (Agostinho; Coelho, 2020, p. 17). Desse modo, as duas versões trazem às crianças mensagens de comportamentos e valores.

Pode-se observar, então, que a adaptação se constitui a partir de movimentos de sentido que, como mencionado por Pêcheux e Léon (2015), remetem-se tanto à paráfrase, como forma de conectar-se ao já-lá discursivo, bem como à polissemia, como maneira de viabilizar o novo, o que foge à regra e à ideologia dominante. Com isso, a partir desses dois polos significativos, a narrativa é recontada de forma a desestabilizar os sentidos tocantes ao que até então se entendia como padrão para essa estória a fim de colocar em cena perspectivas outras de representação e de potencialidade diegéticas. Assim, pode-se afirmar que, ainda que seja inspirada no conto clássico, a obra de Agostinho e Coelho (2020) se constitui a partir da proposta da construção de sentidos outros, polissêmicos e decoloniais, que colocam em cena elementos

marginalizados nas repetições canônicas das narrativas infantis comumente circulantes nas mídias contemporâneas.

Diante dos apontamentos realizados, então, percebe-se que as obras se aproximam e se distanciam, refletindo o contexto e a realidade cultural em que a narrativa foi escrita e/ou ressignificada. Com isso, ressalta-se que as adaptações de obras clássicas possibilitam que as crianças tenham contato com diversas culturas, linguagens e representações artísticas. Dessa maneira, valoriza-se a representatividade de figuras que outrora ficavam esquecidas ou silenciadas, exaltando o papel da literatura que não se rende ao conformismo, como refletiu Ziberman (2021), mas sim resiste ao ousar em potencializar e colocar em cena existências outras, que merecem protagonismo a partir de seus modos de ser e de saber, com espaço, vez e voz nas narrativas e, a partir dos reflexos da literatura na realidade, na própria sociedade.

PARA UM EFEITO FECHO

O presente artigo teve como objetivo analisar a ressignificação narrativa da obra adaptada “Chapeuzinho Vermelho e o Boto-Cor-de-Rosa” (2020) a partir das concepções de decolonialidade e polissemia discursiva. Pôde-se vincular a necessidade de adaptação aos movimentos decoloniais e polissêmicos, como forma de desvincular-se de conformismos narrativos e de lógicas coloniais comumente impostas nas diegeses.

As adaptações, dessa maneira, tornam-se formas de resistência no contexto contemporâneo, pois viabilizam que realidades, existências e saberes outros também ganhem cena de forma protagonista nas variadas histórias. Como a sociedade é plural, um grupo de crianças pode pertencer a diferentes culturas, e trazer narrativas que sejam significativas para cada uma delas permite que sejam construídos diálogos sobre as diversas formas de estar no mundo e reforça a ideia do respeito às diferenças entre as pessoas. Os contos de fadas e suas adaptações são uma possibilidade de desenvolvimento dessa perspectiva.

Diante disso, pode-se, a partir do entendimento da importância da adaptação, criar novas formas de ressignificação para fazer com que mais crianças, de lugares e culturas variadas, sintam-se representadas pelas narrativas, percebendo-se no mundo enquanto sujeito protagonista. Essas formas não precisam limitar-se a publicações editoriais, pois também podem ser oportunizadas na contação de histórias de professores, pais e, como consequência dessas possibilidades, na construção diegética produzida pelas próprias crianças.

“As histórias importam. Muitas histórias importam” (Adichie, 2019, p. 32). Deve-se proporcionar às crianças o contato com as várias maneiras de ser e de saber, e a literatura é um excelente meio para que esse ideal seja alcançado a fim de uma sociedade mais inclusiva e plural.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AGOSTINHO, Cristina; COELHO, Ronaldo Simões. **Chapeuzinho Vermelho e o Boto-Cor-de-Rosa**. Ilustrado por Walter Lara. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2020.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, p. 261-306, 2011.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciências Políticas**, Brasília, n. 11, p. 89-117, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

BAREZANI, Carla Patrícia. **Conhecimento local sobre o boto vermelho, *Inia geoffrensis* (de Blainville, 1817), no baixo rio Negro e um estudo de caso de suas interações com humanos**. 2005. 76f. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas) - Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus, 2005. Disponível em: <https://repositorio.inpa.gov.br/bitstream/1/11976/1/disserta%c3%a7%c3%a3o_INPA.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2023.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. v. 1.

CADEMARTORI, Ligia. **O professor e a literatura**: para pequenos, médios e grandes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Ática S.A., 1987.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no Divã**: Psicanálise nas Histórias Infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DEBUS, Eliane Santana Dias; DOMINGUES, Chirley. Branca de neve e as sete versões: uma manifestação do insólito ficcional. In: DEBUS, Eliane Santana Dias; MICHELLI, Regina (Orgs.). **Entre fadas e bruxas**: o mundo feérico dos contos para crianças e jovens. Rio de Janeiro: Dialogarts, p. 59-73, 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. Chapeuzinho vermelho. In: GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **Contos maravilhosos infantis e domésticos**. 3. ed. São Paulo: Editora Cosac & Naify, p. 137-140, 2015.

MACHADO, Rodrigo Corrêa Martins; SOARES, Ivanete Bernardino. Por um ensino decolonial de literatura. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Minas Gerais, v. 21, p. 981-1005, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbla/a/wcdxsD3sqYmYVRSQncPV4ty/>>. Acesso em: 18 jul. 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MICHELLI, Regina. O maravilhoso em meio a encantamentos e redenções nos contos tradicionais brasileiros. In: Eliane Santana Dias; MICHELLI, Regina (Orgs.). **Entre fadas e bruxas: o mundo feérico dos contos para crianças e jovens**. Rio de Janeiro: Dialogarts, p. 13-28, 2015.

MIGNOLO, Walter. El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. Un manifesto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGUÉL, Ramon (Orgs.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana; Instituto Pensar, p. 25-46, 2007.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Eu, Tu, Ele: discurso e real da história**. Campinas: Pontes, 2017.

PÊCHEUX, Michel; LÉON, Jacqueline. Análise Sintática e Paráfrase Discursiva. In: ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli (Org.). **Análise de Discurso: Michel Pêcheux**. 4. ed. Campinas: Pontes, p. 163-173, 2015.

RAUEN, Fábio José. **Roteiros de iniciação científica: os primeiros passos da pesquisa científica desde a concepção até a produção e a apresentação**. Palhoça: Ed. Unisul, 2015.

REYS, Yolanda. **A substância oculta dos contos: as vozes e narrativas que nos constituem**. São Paulo: Pulo do Gato, 2021.

RICHE, Rosa Maria Cuba. Prefácio. In: DEBUS, Eliane Santana Dias; MICHELLI, Regina (Orgs.). **Entre fadas e bruxas: o mundo feérico dos contos para crianças e jovens**. Rio de Janeiro: Dialogarts, p. 6-7, 2015.

TAVARES, Manuel; GOMES, Sandra Rosa. Multiculturalismo, interculturalismo e decolonialidade: prolegômenos a uma pedagogia decolonial. **Revista Dialogia**, São Paulo, n. 29, p. 47-68, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/8646>>. Acesso em: 15 maio 2023.

ZIBERMAN, Regina. Ensinar é preciso. Resistir também. In: MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (Org.). **A função da literatura na escola**: resistência, mediação e formação leitora. São Paulo: Parábola, p. 7-11, 2021.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

CONTO DE FADAS EM (RE)CONSTRUÇÃO: VEREDAS DECOLONIAIS E POLISSÊMICAS NA LITERATURA INFANTIL

Fairy tale in (re)construction: decolonial and polysemic paths in children's literature

Juliene da Silva Marques

Doutora em Ciências da Linguagem

Instituto Federal Catarinense

Blumenau, Brasil

juliene.marques@ifc.edu.br

<https://orcid.org/0000-0001-5347-8815>

Nadine de Andrade

Pedagoga

Prefeitura de Blumenau

Blumenau, Brasil

nadinedeandrade2020@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-2097-2782>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

R. Bernardino José de Oliveira, 81 - Badenfurt, Blumenau - SC, 89070-270, Brasil.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: J. S. Marques, N. Andrade

Coleta de dados: J. S. Marques, N. Andrade

Análise de dados: J. S. Marques, N. Andrade

Discussão dos resultados: J. S. Marques, N. Andrade

Revisão e aprovação: J. S. Marques, N. Andrade

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista
Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista
Recebido em: 28-07-2023 – Aprovado em: 15-02-2024